

Título	Rodrigo Cass por Ana Paula Cohen	Autora	Ana Paula Cohen
Data	2011	Artista	Rodrigo Cass
Publicação	COHEN, Ana Paula (org). <i>Bolsa Pampulha 2010/2011: 30º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte</i> . Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2011.		

Rodrigo Cass por Ana Paula Cohen

Qual é a sua formação?

Durante nove anos, morei em uma instituição religiosa, e recebi uma formação baseada na espiritualidade carmelita, que tem na contemplação seu foco fundamental. Tive aulas de pintura e me tornei iconógrafo em 2001. Concluí o bacharelado em artes plásticas em 2006, em São Paulo. Estudei pintura e desenho com a artista Leda Catunda, além de ter estudado filosofia e teologia.

Quais foram as principais razões para você se inscrever no Programa Bolsa Pampulha e aceitá-lo quando foi selecionado?

Havia morado em Belo Horizonte em 2007 e 2008. Era vizinho do Museu e lembro-me da primeira vez que o visitei. Fiquei impressionado com o fato de aquela arquitetura ser um museu. Parecia que existia uma inversão, aquele monumento era a obra em si. Na época, havia uma exposição sobre os salões de arte com obras de diversos períodos. Em contraste com as obras que estavam expostas, chamaram-me atenção os tipos e as cores dos diversos revestimentos do Museu. Comecei a frequentar o MAP e a acompanhar o trabalho dos artistas bolsistas das segunda e terceira edições. Aceitei a oportunidade de uma vida como residente em Belo Horizonte e o desafio de trabalhar com um “museu-obra de arte”.

O que você diria que foi mais importante para sua prática artística durante esse ano de residência em Belo Horizonte, participando do Programa?

O tempo prolongado para produzir, em contato direto com um museu que está constantemente sendo construído, a cada nova exposição. Tivemos um ateliê coletivo no centro de BH, ali podíamos conviver entre bolsistas e permanecer por um tempo prolongado na cidade. Eu frequentei muito o Mercado Municipal e o Mercado Novo, lá se acha de tudo, muitas lojas de materiais descartáveis, e comecei a comprar papéis de embalagem, sacolas plásticas e facas, e a trabalhar com elas em vídeo. Chamou-me a atenção o fluxo do grande centro, muita gente para pouco espaço, a cidade não contém mais sua população. Essa relação com a cidade aparece na obra “Arma branca”, no curto tempo em que a sacola pode conter as facas que deposito. A faca é o objeto mais perigoso que tenho em casa; a um só tempo, é arma e utensílio. Depois, pensando em fazer o trabalho para apresentar no Museu, as facas passaram a ter uma relação com as diversas colunas de inox que sustentam o espaço, atravessando-o.

Nada no espaço do MAP é neutro. Os revestimentos são muitos: alabastro, inox, cortinas de tecido, vidro, espelho, madeira. No final, todos os vídeos que apresentei no Museu foram pensados para serem projetados na arquitetura, em superfícies específicas.

Título	Rodrigo Cass por Ana Paula Cohen	Autora	Ana Paula Cohen
Data	2011	Artista	Rodrigo Cass
Publicação	COHEN, Ana Paula (org). <i>Bolsa Pampulha 2010/2011: 30º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte</i> . Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2011.		

O seu trabalho traz sempre a ideia do continente, do que contém e do que está contido. Ou talvez da impossibilidade de conter. Você pode falar sobre o que interessa a você nessa ideia e em que trabalhos você acha que ela aparece com mais clareza?

Trabalho com o mínimo de elementos, de forma direta e econômica, para alcançar um resultado sintético ou que sintetize assuntos de que quero tratar. Em “Copo americano” a ideia de continente está mais evidente, pelo fato de o copo ser de fato um continente. Escolhi o copo mais simples que pudesse encontrar. Porém, no vídeo, o copo cria uma outra relação com a ideia de continente; em vez de conter a água, ela o cerca, como a água cerca uma porção de terra. Uma ação mínima, um mínimo deslocamento da garrafa em relação ao copo modifica tudo.

A ideia do que está contido aparece também em “Reserva própria”, onde trabalhei com as cortinas do auditório. Chamou-me atenção o fato de as cortinas partirem do teto e tocarem o chão, arrastando-se por ele. Há uma queda, um movimento para baixo. Eu quis evidenciar isso com o vídeo, onde faço correr água sobre ela com intensidade variável, e fiquei surpreso com a projeção dessa imagem na própria cortina. É como se eu tivesse iluminado uma área da cortina onde de fato escorresse água. Uma reserva é algo guardado, reservado para depois, território a ser explorado; nos museus e bibliotecas, a reserva é uma parte da coleção não aberta ao público. Uma das expressões que mais me chamaram atenção nas nossas conversas foi “levar a público” um processo. “Reserva própria” surge daí, de levar a público algo já acessível a ele, mas talvez não percebido.

A sacola plástica que aparece em “Arma branca” também é um continente, traz a ideia do que contém e da impossibilidade de conter. As facas têm um tempo de permanência dentro da mesma e caem jogadas ao acaso, formando desenhos únicos. Mas, sobretudo, há uma ideia de violência nessa maneira de conter. Por fim, o trabalho “Continente econômico” extrapola a ideia de algo que está contido, através da desproporção agigantada da escada que segue em direção a um copo com água.